

YOLANDA FLORES E SILVA

POBREZA, VIOLÊNCIA E CRIME - CONFLITOS E IMPACTOS SOCIAIS DO TURISMO  
SEM RESPONSABILIDADE SOCIAL

XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum  
de Pesquisa 21: "Antropologia e Turismo".

BRASÍLIA

Julho de 2000

**RESUMO**<sup>1</sup>: A associação entre turismo e pobreza, violência e crime, pouco se faz presente nos debates de pesquisadores da área do turismo. Normalmente o que se discute, está particularmente relacionado a três preocupações clássicas da área, que é a qualidade do atendimento ao turista, o atendimento em si e a responsabilidade social com o espaço e o "viver" de quem recebe o turista. Este último item em particular, somente nesta década vem sendo considerado como fundamental para a preservação e o respeito aos cidadãos que recebem o turista. Até então o que se pensava ser responsabilidade social no turismo estava mais relacionado ao turista, sendo que este olhar social sobre as conseqüências de danos sociais e ambientais que o turismo pode desencadear, é algo recente que de certa forma está vinculado aos movimentos sócio-ambientais das Ongs ambientalistas e de alguns poucos programas de pós-graduação na área. Os pesquisadores que atuam nestes segmentos, não têm observado as mudanças culturais significativas nas pequenas comunidades, onde muitos problemas relacionados à estrutura dos núcleos familiares vêm surgindo logo após a "descoberta" turística destas localidades. Neste sentido alguns estudos vêm sendo realizados para que se tenha uma visão desta realidade, e é esta a proposta do trabalho que estamos apresentando. Nele procuramos apresentar uma análise ainda parcial do aumento da pobreza de uma comunidade da Ilha de Santa Catarina, seguido do aumento de registros policiais de violência intrafamiliar e crimes entre os "nativos" moradores da localidade. Em contraste com a venda da imagem de bem estar e qualidade de vida vendida pelo Estado, observamos como nos últimos anos, os núcleos familiares estão se desorganizando, afastando-se para áreas mais distantes dos espaços onde sempre moraram, não podendo inclusive realizar atividades tradicionais de subsistência, tornando-se mais empobrecidos à medida que o turismo cresce na região. Com tais achados, pretendeu-se neste primeiro momento discutir o turismo realizado sem responsabilidade social, destacando atitudes que vem fomentando, entre outras coisas, o aumento da violência e do crime, resultado de uma total falta de preocupação com as pessoas que vivem nos espaços destinados ao consumo turístico.

**Palavras-chave: Turismo, Responsabilidade Social, Impacto Sociais**

## 1. INTRODUÇÃO

Uma preocupação dos pesquisadores que atuam na área da atividade turística, se desloca nestes últimos dez anos do turista para as pessoas, os ambientes e as comunidades onde existe a ameaça de incontáveis impactos sócio-culturais em decorrência da fragilidade dos locais visitados, bem como da possibilidade de destruturação não apenas do ambiente mas das pessoas que ali vivem.

As inúmeras destinações ou viagens para ambientes tidos como rústicos e culturalmente preservados hoje são amplamente observados por estudiosos que atuam nos programas de pós-graduação e por integrantes das Organizações Não Governamentais ambientalistas.

A preocupação destas instituições, tem ampliado os estudos voltados para um desenvolvimento conservacionista e sustentável, que possa congrega os

interesses do setor turístico e das populações inseridas em comunidades onde existam ofertas turística.

Neste sentido vale ressaltar a importância de se pensar na preservação e no respeito às comunidades locais a partir de uma postura ética, que segundo Ruschmann (1998)<sup>2</sup> deveria levar os agentes da oferta turística a ponderar e a preocupar-se com a proteção e a sustentabilidade do meio natural e sociocultural onde estão investindo. Entendemos portanto, ainda segundo a autora citada, que muito pouco se tem discutido sobre esta postura ética, onde as responsabilidades sociais seriam não apenas relacionadas ao turista, mas também com a população receptora.

Esta responsabilidade social, no entender de Kotler (1996)<sup>3</sup>, são atribuições que a sociedade estipula para as instituições, tendo por objetivos definir algumas obrigações relacionadas a preservação do meio ambiente, dos direitos das minorias e dos direitos das populações estabelecidas (nativas ou não). Esta responsabilidade, infelizmente, ainda vem sendo entendida por muitos empresários, como sendo uma responsabilidade exclusiva com o turista, pensando que para este existe uma obrigação legal de oferecer o que é prometido nas divulgações para venda de pacotes e ofertas turísticas. Avaliando desta forma, os agentes de turismo vêm comercializando uma série de ofertas onde não existe uma preocupação com o ambiente e a população local. Ruschmann (idem, p. 11) aponta as principais atitudes destes agentes relacionadas com esta preocupação que expomos neste momento.

---

<sup>1</sup>. Dra. em Filosofia da Saúde/Mestre em Antropologia Social - Docente do Mestrado em Turismo e Hotelaria e dos cursos de graduação em Ciências Sociais e Medicina da Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI / e-mail: souza@fastline.com.br

<sup>2</sup>. RUSHMANN, D. V. M. Ética nos Serviços Ecoturísticos. Balneário Camboriú, **Turismo - Visão e Ação**, v.1, n.1. p.9-17.jan/jun.1998.

<sup>3</sup>. KOTLER, P. **Administração de Marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1996.

Por exemplo: excesso de participantes nas viagens a ecossistemas importantes, despreocupação com a harmonia entre a arquitetura de hotéis e a paisagem natural (isto a nosso ver vale também para as residências de turistas que resolvem construir nos espaços em que antes apenas faziam visitas esporádicas), uso de condução (carros, barcos, aeronaves, etc) que interferem diretamente com o som, a paisagem, o ar, a fauna e a flora locais. E finalmente, um desvinculamento da história e do viver cotidiano das populações receptoras. Além da distorção cultural originada das imagens criadas pelo marketing turístico, observamos que em muitas comunidades, a população é praticamente isolada em seu próprio ambiente, bem como culpabilizada por uma série de interesses (os "saberes" e os "fazer" de um povo) que no entender de muitos agentes e turistas, são atividades ou estilos de vida próprios de comunidades sem "cultura" devendo ser reformuladas ou totalmente banidas daquele grupo, em prol do progresso e das expectativas da demanda turística.

Segundo Lage e Milone (2000)<sup>4</sup>, são evidentes os custos sociais e culturais do turismo sem responsabilidade, uma vez que o reconhecimento e a promoção de muitas culturas ocorrem normalmente sem um estudo definido dos recursos existentes. O que se vê portanto é uma padronização cultural das tradições sócio-culturais sem distinção das características da população visitada e outras de cultura semelhante. Muitas das populações residentes não protestam diante das muitas "invasões" ocorridas em seus espaços, porque existem promessas de benefícios econômicos e de melhoria da qualidade de vida. No entanto, em muitas comunidades hoje já existe um movimento de protesto a alguns programas turísticos em suas regiões, porque no decorrer dos anos perceberam que a pobreza local não diminuiu, havendo em muitas situações uma dependência econômica ao turismo, sem contudo significar melhoria de vida.

## 2. SOBRE O ESTUDO REALIZADO

Para entender os conflitos e impactos sociais decorrentes do turismo sem responsabilidade em comunidades tradicionais<sup>5</sup>, é necessário explorar sua visão cosmológica, dentro do qual estão embutidos os "saberes" e "fazeres" da população sobre o funcionamento do mundo e a relação entre o que consideram viver em comunidade e cultura. Para o turista, seja o do tipo explorador, o de elite, os excêntricos, os usuais ou os de massa<sup>6</sup>, muitas vezes pouco importa se sua presença influencia ou prejudica o viver cotidiano das populações visitadas. Existe uma falta de consciência quanto as responsabilidades individuais de cada pessoa com o "outro", com pouca ou nenhuma participação ou respeito pelas normas e condutas locais. A exceção do turista explorador, que tenta se integrar e interagir com à população receptora inclusive aprendendo seu idioma, raras vezes observamos esta preocupação entre os outros tipos de turista e muito menos com os agentes que possibilitaram a ida destes turistas às comunidades visitadas.

E por que nos detemos em todas estas explicações? Porque este conhecer o "outro", é dentro do fazer antropológico uma necessidade, de forma que possamos apreender especificidades de uma dada comunidade ou população de nosso interesse. A antropologia nasceu e se construiu desvendando as diferenças, sendo estas diferenças o que distancia as fronteiras culturais, mas ao mesmo tempo pode nos ajudar a estabelecer aproximações e interações entre o "outro" e nós, possibilitando o que denominamos de encontro etnográfico.

---

<sup>4</sup> . LAGE, B. H. G. & MILONE, P. C. Impactos Socioeconômicos Globais do Turismo. In: \_\_\_\_\_ . **Turismo: Teoria e Prática**, São Paulo : Atlas, 2000.

<sup>5</sup> . Quando nos referimos a comunidade onde trabalhamos, a denominamos de tradicional porque a mesma se destacava das demais por seu relativo isolamento do núcleo central mais urbanizado da Ilha de Santa Catarina e por que era considerada uma localidade onde os costumes açorianos se preservaram ao longo do crescimento da capital de Santa Catarina - Florianópolis. Vale ressaltar que esta não é a única comunidade com estas características, mas, é nesta que as transformações sócio-culturais-ambientais tem se revelado dramáticas ao longo dos últimos quinze anos, estando quase "extinta" a população nativa, que foi cedendo espaço aos gaúchos, aos argentinos e moradores "alternativos".

<sup>6</sup> . Tipologia comportamental do turista, segundo SANTANA, A . **Antropología Y Turismo - ?Nuevas Bordas, Biejas Culturas?** Barcelona: Ariel , 1997.

Colocamos tudo isto para mostrarmos como iniciamos nosso trabalho na comunidade que proporcionou os dados deste estudo. O nosso encontro etnográfico ou pesquisa etno-antropológica<sup>7</sup> ocorreu inicialmente a partir de objetivos que não estavam ligados ao turismo. Por volta de 1988 tivemos um primeiro contato com esta comunidade para um estudo que envolvia a coleta de dados para avaliarmos como a população entendia o processo saúde e doença e os itinerários de tratamento procurados pelas pessoas enfermas. A partir deste primeiro encontro estabelecido e da observação realizada na comunidade durante três anos (1988 - 1990), conseguimos desenvolver uma série de interpretações do viver local, construindo desta forma um olhar direto das transformações que foram ocorrendo ao longo dos anos seguintes.

Quando em 1996 precisamos retornar a esta comunidade, ficamos surpresas com o contexto lá existente, havendo um total estranhamento entre o que conhecíamos e o que se apresentava aos nossos olhos. As moradias à beira-mar dos residentes nativos totalmente substituídas por edifícios de 2, 4 e 6 andares, muitos hotéis, pouca praia, substituição da igreja local por outra maior e mais moderna, muitos bares e restaurantes. Nas avenidas, anteriormente ruas estreitas, muitos carros, motocicletas, asfalto, poucas árvores, e o que mais nos assustou na época, nenhum rosto conhecido estava ao volante daqueles carros ou circulando de bicicleta, ou a pé pelas amplas calçadas e avenidas. Nossos primeiros questionamentos foram: estaremos na comunidade errada? Onde estão as pessoas, as casas, as árvores que conhecíamos quando saímos em dezembro de 1990?

As características desta comunidade que fica ao norte da Ilha de Santa Catarina, eram de uma população composta basicamente de descendentes de

---

<sup>7</sup>. A pesquisa etnográfica ou etno-antropológica é um caso particular da pesquisa em ciências sociais que se caracteriza pela necessidade de uma prolongada familiaridade com a comunidade pesquisada, numa relação direta que envolve a comunicação lingüística e residencial por um tempo mínimo determinado pelos objetivos que se pretenda alcançar. Isto significa dizer, que a pesquisa antropológica não pode ocorrer em poucas semanas ou dias, havendo estudos que ultrapassam os 24 meses.

açorianos, pescadores de rede, pequenos agricultores de plantação para subsistência da alimentação familiar, alguns pequenos comerciantes, funcionários públicos municipais e estaduais, donas de casa e estudantes. As pessoas residiam a beira mar próximo aos barcos de pesca, não havendo na época edifícios, sendo que o que havia de mais diferente eram os pequenos sobrados de comerciantes locais. O pequeno posto policial ficava ao lado do posto de saúde e da escola municipal local, havendo pouco ou nenhum movimento neste, sendo repetidas constantemente piadas sobre o último ladrão de galinhas preso na cidade, ou o caso de um grupo de rapazes da comunidade que foi preso quando tomavam banho sem roupa na praia no período do carnaval.

Diante deste quadro, tão distante do que conhecíamos antes, tentamos, caminhando pelos arredores buscar informações sobre a localização de antigos moradores/informantes do estudo que havíamos realizado anos antes. Para isto fomos atrás do que nos pareceu mais fácil, que era a procura dos antigos comerciantes que moravam nos sobradinhos próximos ao mar. Encontramos o primeiro deles, este em um pequeno "shopping" onde antes era um sobrado clássico que lembrava as construções açorianas. Fomos reconhecidas e a partir daí iniciamos uma série de perguntas sobre o destino dos antigos moradores. Seu "Antenor"<sup>8</sup> foi logo dizendo que aqueles que realmente queriam trabalhar estavam bem como ele e que os "outros", os que nada queriam ou que venderam seus terrenos antes da "grande valorização" dos terrenos locais, estes moravam agora próximo ao mangue.

- **"Filha, eles podiam viver melhor, a gente tem que ser que nem camaleão, tem que se acostumar com as mudanças. Teve gente que vendeu tudo bem baratinho, outros tentaram se opor à construção dos hotéis, mais ai tem o filho ou a filha que pode arranjar um cantinho prá trabalhar, já viu né? A gente procura as melhoras da gente, uns dão certo, outros não. Hoje ninguém vive mais da pesca, não dá dinheiro, ai fica no biscate. Às vezes eu dou emprego, na temporada é claro, aqueles que trabalham melhorzinho, né?"**

Chegamos a nova comunidade seis anos após a última visita, segundo nossa experiência em outras regiões, sempre é cheia de surpresas, mas, com

---

<sup>8</sup>. Todos os nomes que usaremos neste trabalho são pseudônimos, os mesmo utilizados quando realizamos nosso estudo em 1988.

tantas diferenças em um tão curto espaço de tempo, é chocante e porque não dizer: assustador.

Embora nosso papel, enquanto antropólogos, tenha por objetivo tentarmos observar com um olhar distanciado e neutro as situações, tem sido difícil e porque não dizer impossível, nos distanciarmos totalmente do que é vivido e observado no campo da pesquisa. Assim, a partir deste primeiro momento, envolvidos pela curiosidade e pelo choque do quadro apresentado, iniciamos o que seriam os primeiros passos para a pesquisa que agora apresentamos, que se iniciou em 1999.

Esta pesquisa, realizada com alunos do curso de graduação em Ciências Sociais<sup>9</sup> e que hoje vem sendo objeto de interesse de alunos do Mestrado em Turismo e Hotelaria<sup>10</sup> da Univali, está abrindo o que será um dos primeiros estudos antropológicos sobre turismo em nosso mestrado e no doutorado que se inicia em 2001.

### **3. ENTRANDO EM CAMPO**

A partir de um projeto "guarda-chuva", alunos do curso de graduação em Ciências Sociais iniciaram um estudo qualitativo, utilizando como referencial de abordagem a etno-antropologia. Este estudo se caracterizou pela entrada na comunidade em agosto de 1999. Quando falamos em entrada na comunidade, queremos esclarecer ser esta comunidade, não apenas a que foi modificada com a construção dos muitos equipamentos turísticos, mas também aquela "comunidade" que foi sendo construída por aqueles moradores que

---

<sup>9</sup>. O curso de graduação em Ciências Sociais da Univali, tem sua grade curricular voltada para dois eixos de pesquisa: o convencional voltado para as disciplinas conhecidas (Sociologia, Antropologia, Filosofia, etc) e um outro que enfatiza o Desenvolvimento Humano Sustentável, onde foram discriminadas disciplinas não muito comuns nas Ciências Sociais, tais como: Ecologia, Antropologia e Turismo, Sustentabilidade de Comunidades Tradicionais, Legislação Ambiental, entre outras.

<sup>10</sup>. No ano em curso o Mestrado em Turismo e Hotelaria definiu como uma das suas linhas de pesquisa inseridas no Núcleo de Coordenação de Pesquisa e Projetos em Turismo e Hotelaria, a de Turismo, Ambiente e Cultura; nesta linha de estudo é onde se inserem pesquisas como a que apresentamos e as disciplinas Elementos Sócio-Culturais da Oferta Turística, Antropologia e Turismo, e Sociologia e Turismo, estas duas últimas ainda sendo propostas para o doutorado em Turismo e Hotelaria que terá sua primeira turma em 2001.



venderam suas casas ou que se sentiram incomodados pelo crescimento da localidade sem que pudessem interferir ou opinar sobre o assunto.

Dois grupos foram formados para a coleta de dados. Um grupo permaneceu na antiga comunidade e o outro foi para a região de mangues onde moram hoje de 40 a 50% da população que vivia basicamente da pesca e da agricultura. Os dois grupos tinham objetivos comuns que era fazer uma verificação das transformações ocorridas no cotidiano destas pessoas, incluindo-se aí os impactos socioculturais decorrentes da entrada do turismo na região com a construção dos equipamentos turísticos, aumento do comércio local, descaracterização ambiental, mudança das habitações para locais antes desvalorizados pelo grupo, entrada de novos moradores permanentes na região, mudanças de hábitos e linguajar.

Embora a pesquisa qualitativa se reconheça a partir de um número reduzido de informantes, neste estudo em questão o número de informantes ficou relativamente grande (em torno de 400 pessoas). Com eles, através de entrevistas abertas e semi-estruturadas, tem se coletado o maior número possível de "falas", tentando com isto levantar dados desconhecidos e/ou confirmar dados sobre a experiência relatada. Com isto fizemos uma compilação das normas e práticas da vida cotidiana destas pessoas, mostrando como elas relatam a vida antes e como elas relatam o viver hoje. É preciso lembrar, recordando Malinowski (1978)<sup>11</sup>, que a compilação de normas sociais é sempre insuficiente quando estamos realizando um estudo etnográfico de um grupo. É preciso também fazer uma comparação destas normas com as falas e os "fazer" (práticas) do grupo em questão. Neste sentido, a palavra do informante é fundamental e devem ser citadas textualmente nas passagens mais características de seu discurso sobre seu cotidiano. Mais do que obter comentários sobre a vida cotidiana, procuramos com este estudo verificar o que se transformou em termos de vida cotidiana, técnicas de trabalho, ciclos cerimoniais e práticas individuais e sociais relacionadas a vida familiar.

---

<sup>11</sup>. MALINOWSKI, B. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Além do "falado" os dois grupos vêm procurando nas duas comunidades os documentos materiais que permitam reconstruir dados esquecidos ou desconhecidos do grupo. Partimos do pressuposto de Laburthe-Tolra e Warnier (1997)<sup>12</sup> de que sempre existe um não-dito e um não visto, seja o que escapa do pesquisador ou do informante (o que pode ser esquecido de se ver ou dizer por exemplo), seja o que é realmente desconhecido de ambos porque está sob a invisibilidade do familiar.

Eco (1986), escreve sobre este não dito em sua obra "Lector in Fábula". Neste texto ele afirma ser a informação escrita ou não, um documento que pode ser dirigido a um grupo específico, com propósitos bem definidos, onde o não dito pode estar subentendido e até já ser do conhecimento do grupo, embora não seja discutido como algo real, concreto. O não dito neste caso não significa desconhecimento total dos fatos, mas uma certa invisibilidade deste.

Neste sentido, o não dito que todos parecem saber o que é, mas, que ninguém fala ou evita falar, foi também o foco de atenção do estudo realizado. Partindo da Teoria de Significados com origem em Saussure (1979)<sup>13</sup>, tentamos unir as concepções teóricas da semiótica as concepções antropológicas interpretativas de Geertz (1983)<sup>14</sup>, procurando estudar o significado das mudanças ocorridas e o comportamento e as falas das pessoas frente a estas mudanças. Num primeiro momento do estudo em questão fizemos uma descrição dos fatos, pretendemos com a continuidade iniciarmos uma interpretação dos mesmos, e com isto tentar, seguindo o olhar de Geertz, fazer uma leitura desta cultura como se tivéssemos lendo um texto. Como ele, queremos transformar esta etnografia de campo, em uma descrição e interpretação dos significados dos acontecimentos, isto é, uma inscrição ou apresentação do discurso social que está disponível na consciência dos informantes.

#### **4. PRIMEIROS DADOS**

---

<sup>12</sup> . LABURTHE-TOLRA, P. & WARNIER, J.P. **Etnologia/Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>13</sup> . SAUSSURE, F. de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, 1979.

Qual a imagem do Estado de Santa Catarina repassada na mídia nos últimos 5 anos? Primeiro é de que um local privilegiado para o turismo, seja pela natureza exuberante, seja pela segurança, uma vez que segundo dados veiculados em periódicos como *Veja* e *Isto É*, este é o estado com menor índice de violência do país. Outro dado bastante divulgado é a questão da qualidade de vida, do bem estar das pessoas levando em conta que a pobreza desta parte do país, não chega aos problemas existenciais e de sobrevivência do Nordeste por exemplo, ou de determinadas favelas do Rio de Janeiro e São Paulo, constantemente apontadas na mídia como espaços de miserabilidade, terror e dependência aos grupos que tem relação direta com a bandidagem no país.

Se levarmos em conta os dados apontados na mídia, não poderemos em hipótese alguma deixar de concordar com os mesmos. Não há como comparar a pobreza e a violência existente em Santa Catarina com o que existe em outras regiões do país. Mas, é possível comparar o que existe hoje com o que não existe mais ou com o que foi se deteriorando e modificando para pior nesta última década.

Basta pensar que há 20 anos era inexistente o mendigo, o menino de rua, os sem teto vivendo em praças das grandes cidades de Santa Catarina, tais como Florianópolis, Joinville, Blumenau, Itajaí, Balneário Camboriú, Chapecó, entre outras cidades do estado.

Na capital, Florianópolis, a chamada zona metropolitana, embora diferenciada das vilas e intendências do "interior da ilha"<sup>15</sup> vem a cada ano ficando mais pobre, com um número grande de pessoas sem teto morando na porta da entrada da cidade (o largo da alfândega), ou nos morros. Hoje, pessoas vindas de Lages e Rio do Sul, locais tradicionalmente conhecidos pelas fazendas agropecuárias, têm nos últimos anos jogado na capital aqueles que não conseguiram ter seu pedaço de terra ou permanecer como empregado nas

---

<sup>14</sup> . GEERTZ, C. *Local Knowledge: Further Essays in Interpretative Anthropology*. New York: Basic Books, 1983.

<sup>15</sup> . O termo "interior da ilha" é utilizado em Florianópolis para caracterizar a diferença entre os bairros que nasceram com o crescimento da cidade e aquelas povoações tradicionais localizadas há mais de 10 quilômetros da zona metropolitana, onde residem as famílias nativas de origem açoriana. Assim, é possível encontrar as intendências (grupos espacial e politicamente formado) do sul, do norte e do lado leste da ilha. Sendo que as chamadas "invasões" turísticas ocorreram

fazendas estabelecidas. Desta forma vamos aos poucos, ao mesmo tempo em que se implantam estratégias de bem receber o turista, na medida que as pessoas vão construindo casas e pequenas pousadas para hospeda-los, ou vão montando outros negócios, ficando com uma cidade diferente, com algumas pessoas se sobressaindo do ponto de vista econômico, mas, ainda assim criando espaço para uma pobreza cada vez maior.

Na comunidade em que este estudo vem sendo realizado, ao que parece, o turismo vem modificando todo o modus vivencial das pessoas. Existem hoje duas comunidades que vivem de forma diferenciada, onde se ver claramente o grupo que venceu e mantém com o sistema e a rede de implantação do turismo uma convivência adaptada; havendo também, no entender de moradores nativos e "estrangeiros", os que perderam, os que por falta de conhecimento, recursos e não puderam até o momento obter ganhos econômicos com as mudanças.

E como vivem estas pessoas? Neste relatório inicial iremos apresentar um pouco do cotidiano dos que mudaram para os mangues. Como vivem, do que vivem e o que pensam sobre as mudanças ocorridas e o futuro.

### **O Vivido Hoje: Algumas "Falas"**

Durante este trabalho muitas idéias nos fizeram pensar na identidade dos sujeitos enquanto uma construção de alteridades. Sabemos que na Antropologia a identidade e a cultura são questões fundamentais, uma vez que o "outro", que é o principal objeto de estudo desta disciplina, se constrói ou se constitui a partir do que consideramos como sendo cultura e identidade.

Consideramos também necessário chamar a atenção, de que não é de agora a existência de um discurso sobre os "outros", onde estes são sempre vistos como diferentes no sentido estereotipado, havendo em diferentes momentos exclusões ideológicas seguidas de inclusões científicas, sendo o discurso antropológico utilizado muitas vezes para sustentar estas exclusões e inclusões ao sabor do campo das idéias mais aceitas.

---

principalmente no norte (com a chegada de argentinos principalmente) e no leste (com gaúchos

No caso de nossos informantes, percebemos neles uma "confusão" de idéias sobre suas identidades, suas crenças e modus de vida. Tudo para eles parece mudado e sem alternativa, como se o futuro fosse algo que tivesse nebuloso e incerto por falta de perspectivas ou respostas a uma série de dúvidas e incertezas que se acumularam ao longo dos últimos anos.

Bourdieu (1989)<sup>16</sup>, afirma que cada pessoa é um agente, sabendo ou não, querendo ou não, de um 'modus operandi', da qual ele é produtor. O "habitus", ou como diriam alguns, as normas e valores dentro de uma cultura, é assegurado a partir do encadeamento de ações, que orientam objetivamente as representações sociais de um grupo ou grupos em um determinado espaço geográfico, num momento temporal específico.

Pensando desta forma, poderíamos afirmar, que este grupo que se instalou nos mangues, embora tenha sido compelido talvez a fazê-lo, o fez conscientemente, não são "coitadinhos" de um bicho papão chamado turismo. Ao mesmo tempo, não podemos ignorar que a máquina empresarial turística, não pergunta quando e onde deve entrar, assim como não respeita o que considera como sendo o "habitus" do outro, seja social ou individual.

Pinto (2000, p. 38)<sup>17</sup>, afirma que:

- **"O habitus deve ser compreendido como uma gramática gerativa de práticas conformes com as estruturas objetivas de que ele é produto: a circularidade que preside sua formação e seu funcionamento explica, por um lado, a produção de regularidades objetivas de comportamento; por outro, a modalidade de práticas baseadas na improvisação, e não na execução de regras. Juntando dois aspectos, um objetivo (estrutura) e outro subjetivo (percepção, classificação, avaliação), pode-se dizer que ele não só interioriza o exterior, mas também exterioriza o interior"**

Ora, levando em conta esta idéia, podemos afirmar que o "habitus" de um determinado grupo é algo interiorizado e exteriorizado, isto quer dizer, que a mudança do espaço exterior ou de algumas regras não significa a aceitação ou a adaptação plena ao que se implanta ou se introduz em um determinado modo de vida de um grupo.

---

e cariocas que vieram trazidos pela Eletrosul).

<sup>16</sup>. BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil/Difel, 1989.

<sup>17</sup>. PINTO, L. Pierre Bourdieu e a Teoria do Mundo Social. Rio de Janeiro: FGV, 2000

Assim, se você arranca as pessoas de um universo familiar tradicional, onde a maioria vive de pesca, agricultura de subsistência e mora em espaços definidos geograficamente que não são urbanos mas também não são rurais, e os joga em um espaço mais urbanizado e capitalista, você terá um grupo desarmado e relativamente indefeso. O que pode acontecer de tudo isto? Bem, tanto eles podem elaborar estratégias coerentes, como tendem a explicar seu destino social pela fatalidade ou pelo acaso.

- **"É coisa do destino, a gente é castigado por aquilo que faz e até pelo que não faz. Deus quis assim, as famílias vieram todas para cá, a gente teve que mudar um pouco, tá mais difícil agora. Falta peixe, a casa vive molhada e na época das chuvas a gente tem medo de enchente. No inverno não é diferente, a gente tem menos vento sul do que na praia, mais é a vida." (V. S. 45 anos)**

Observando este depoimento, não muito diferente de outros, podemos afirmar que a privação material associada à privação simbólica, reproduz no grupo uma idéia de distanciamento de sua própria realidade, de seu "habitus" e até de sua identidade. O fatalismo, a idéia de castigo de Deus, parece não permitir espaço para uma reflexão sobre o que realmente ocorreu na comunidade. Tudo parece predeterminado como algo que tinha que ocorrer: "é o destino né dona?".

Quanto à pobreza, retornamos a algumas famílias que em 1990 tinham um padrão de vida considerado de classe média: casa de alvenaria própria, bens de consumo (televisão, máquina de lavar roupa, telefone e carro), filhos estudando e trabalhando meio período ou só estudando, etc. Em 1999, encontramos estas famílias morando em casas próprias porém no mangue, casas de baixo custo, e tendo como bem de consumo mais importante a televisão. Os filhos em sua maioria não terminaram os estudos, trabalham na parte "nova" da comunidade em hotéis ou restaurantes, ou em um pequeno comércio - barraca de cachorro quente, batata frita ou de sanduíche natural. Outros nem trabalham, vivem de pequenos biscates na construção civil, fazendo faxinas ou sem nada fazer. Os que pescavam raramente vão ao mar para pescar, quando muito participam de uma festa organizada pelo setor turístico do município, onde a principal atração é a retirada da rede (pesca da tainha) no inverno com a ajuda

de turistas que estão em casas alugadas ou que se encontram hospedados nos hotéis. Neste momento a televisão faz uma reportagem sobre este lado ´típico` e tradicional da comunidade e de como aquele grupo é sociável, permitindo inclusive que os turistas vivam um dia de experiência semelhante à deles.

- "Hoje é dia de pesca, o pessoal da ..... pede prá gente todos os anos fazer uma pesca de mentirinha, ai a gente vai de madrugada, coloca tainha na rede, às vezes dá sorte e tem tainha mesmo e a gente faz uma pesca de verdade como antigamente. Só que não é sempre, ai vem os carros do mercado de madrugada, coloca tainha na rede e de manhã cedinho quando os turistas vão chegando a gente arma tudo e faz uma pesca junto com eles. Os donos de hotel dizem que isso faz o turista feliz e com isto a gente ganha mais dinheiro. Eu não sei não, eu pelo menos não ganho mais do que antes e acho ruim mentir deste jeito, fico com vergonha" (C.M. 60 anos)

Diante deste quadro não encontramos uma oposição agressiva a atividade turística, a acomodação à situação e o fatalismo nos pareceram maior, é como uma aceitação resignada, onde eles têm uma certa consciência de que tudo mudou e de que fazem algo que vai contra certos princípios e ensinamentos que tiveram.

O mais difícil para o grupo, nos pareceu, é a convivência mais de perto com as situações de violência e desagregação familiar. Filhos que batem nos pais, maridos que abusam sexualmente das filhas, roubos e fugas dos filhos para morarem em outros lugares. Não que eles considerem estes elementos como algo que tenha surgido nestes últimos anos, mas, que eles vêm como algo que cada vez mais está visível demais no grupo.

- "O que houve com a gente filha? Ninguém respeita mais ninguém. Eu sei que sempre teve isto aqui, mais não era assim, a gente tinha até vergonha de falar, tanto é que a gente resolvia em casa estas coisas, punha a pessoa na parede e exigia dela que se ajeitasse. A gente dava um corretivo, fazia a pessoa voltar aos eixos. Agora tá difícil, os rapazes, um bando de guri pequeno ainda, querem só saber de droga, comprar tênis da moda, andar feito os gurus filhos de turista. Ai quando não tem vão roubar, uma vergonha, uma tristeza. A gente fica sem ter onde botar a cara, as vezes quando fica sabendo a coisa já tá na delegacia. O que a gente fez prá chegar nisto meu Deus?" (L.C.S. 40 anos)

Aqui, observamos nesta fala, não só uma descrição do que vem ocorrendo, mas também uma explicação para as mudanças nos rapazes. Estes

passam a usar drogas, roubar para comprar roupas, sapatos, ou seja, criam uma necessidade de consumo, que se torna um imperativo para estes uma vez que têm vergonha de serem vistos apenas como um grupo de nativos manezinhos<sup>18</sup>.

- **"Aqui tá complicado, o filho da Maria usa droga, tem levado tudo dela, já venderam a televisão, a cafeteira que ela ganhou no natal, o relógio de ouro que ela ganhou da avó, tinha quase 50 anos. Uma pena, o guri vive sendo preso e a gente vai se afastando com medo, se ele rouba a mãe quanto mais os vizinhos. Tudo isso porque tem vergonha de ter nascido aqui, imagine isso? Querem ser iguais aos gurus que ficam nos hotéis, acham que as meninas só gostam de guri de fora. Mais não é só ele, tem outros também nesta vida. E tem também os que não trabalham, os que ficam vagando sem ter ocupação"(C. M. 62 anos)**

Em decorrência de todas estas transformações, a violência vem aumentando progressivamente ou pelo menos se tornando mais visível à medida que as famílias parecem estar vivendo um momento de desestruturação. Como afirma Velho(1996)<sup>19</sup> nenhuma sociedade está imune do que se denomina de violência, sendo esta muito mais do que o uso da força física, mas inclui também a possibilidade ou a ameaça de usa-la, bem como a imposição da vontade, desejo ou projeto de uma pessoa sobre a outra. Quando estas forças voltadas para a violência começam a ter visibilidade em uma comunidade? Quando as pessoas já não se preocupam em esconder sua raiva, seu desânimo e sua desesperança?

As falas das pessoas nos colocam diante de algumas respostas:

- **"A vida não é mais como antes, a gente sabe que tudo muda. O que temos hoje já teve ter tido com muita gente. Mais a senhora lembra que a gente nem usava a delegacia. Hoje a gente se ver obrigada a ir lá e fazer queixa dos vizinhos, logo a gente que se orgulhava de não ter nem roubo. Hoje é uma tristeza ver que já temos até criminosos entre nós. O Jânio, a senhora lembra dele? Matou o filhinho de paulada. Bateu, bateu, e a gente escutando, mais quem era de imaginar que era na criança? O pobrezinho nem chorava, morreu na primeira paulada. E tem mais, não para ai não. O Tarciso, bole com a filha, a gente sabe que a barriga que ela pegou é do**

<sup>18</sup> . O termo manezinho da ilha é utilizado pejorativamente na Ilha de Santa Catarina, quando alguém quer chamar outro de "bronco", "caipira" e sem instrução. Hoje em função do movimento turístico e de uma revalorização da cultura nativa, já se utiliza o termo como um elogio ou uma categoria muito especial de morador, principalmente no meio acadêmico, político ou entre não nativos que tiveram seus filhos nascidos na ilha.

<sup>19</sup> . VELHO, G. Cidadania e Violência. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.



**próprio pai. Sabe o que isso? Falta de ter o que fazer, ficar desocupado, vivendo aqui neste lugar fedido, molhado, frio. A gente não tem mais futuro, a gente perdeu a vontade de lutar. Ai, estes homens que não sabe o que fazer ficam com raiva, ficam desejando o que Deus não permite. Eu hoje só penso em sair daqui, conseguir algo fora, talvez ir para o sul, na ....., lá me disseram ainda dá pra pescar, tem como voltar a ter um trabalho parecido com aquele que a gente conhece desde que pequeno" ( A .V. 48 anos)**

Este e outros depoimentos poderiam servir de base para uma discussão bem maior sobre os conflitos e impactos do turismo nesta comunidade. Por enquanto nos contentamos em apresentar este esboço de reflexão sobre a realidade apresentada, tentando mostrar a partir do nosso olhar e de alguns depoimentos, as transformações de um grupo que recebeu em seu espaço de vida um "pacote turístico" sem que houvesse discussão sobre as conseqüências do mesmo.

Considerando o turismo como um objeto de estudo até certo ponto inovador em nossa produção e interesses na área social, cremos, que este estudo deva servir de alerta sobre a necessidade de se desenvolver investigações sobre o turista, a estrutura do sistema que organiza e planeja o macro setor turístico, as relações e percepções e as implicações que afetam direta ou indiretamente os sujeitos que vivem nos espaços destinados ao consumo turístico.